



REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

JEQUIÉ TÊNIS CLUBE: INSPIRADOR DA MODERNIDADE ESPORTIVA LOCAL.

Dr. Roberto Gondim Pires¹
Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias²
Marcos Cesar Meira Leite³

Resumo

O objetivo deste trabalho é contribuir na construção da história e memória do esporte na cidade de Jequié-BA, através da análise do JTC como lugar da memória esportiva para a vida desta cidade. Com este intuito, documentos do acervo do Museu Municipal e do Jequié Tênis Clube foram tomados como fontes, com destaque para fotografias, que se constituíram como pistas importantes na indicação de outras fontes. Além disso, foram entrevistados esportistas e outros agentes que tiveram relação com a criação e administração do clube, tais como atletas, administradores e familiares de atletas. Como resultado de fluxos multidirecionais intermediados simultaneamente por diferentes grupos sociais, a história do JTC foi elevada por parte da elite local à condição de representante privilegiada de uma modernidade sertaneja.

Palavras-chave: História. Jequié. Esportes. Bahia. Memória.

Introdução

Os significados vinculados aos esportes em Jequié, particularmente no contexto das práticas desenvolvidas no Jequié Tênis Clube, primeira e por muito tempo principal instituição esportiva da cidade, foram bastante representativas para a edificação de memórias culturais e políticas da cidade⁴. Certamente, parte das transformações que se testemunhavam em Jequié em princípios do século XX disseram respeito também aos esportes. Articulado a todo esse processo de mudanças, a prática do futebol registrava-se em Jequié ao menos desde a década de 1920. Nessa época, nos períodos de seca, trechos do

¹ Doutor em Educação – UFBA. Professor Titular do Departamento de Saúde - DS/UESB - (Jequié-Bahia-Brasil). Pesquisador do grupo CORPORHIS. E-mail: gondim.roberto@gmail.com

² Doutor em Educação Física – UNICAMP. Professor da UFMG - (Belo Horizonte-MG-Brasil). E-mail: cleberdiasufmg@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/ FAPESB. E-mail: marcos_cml@hotmail.com

⁴ PIRES, R. G. ; DIAS, C. ; LEITE, M. C. M. . História e memória do esporte em Jequié.. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 07, p. 01-23, 2014.

rio de Contas transformavam-se em espaços improvisados para as primeiras partidas de futebol da região, os chamados “babas”. Os mais famosos e prestigiados eram os babas do Mandão e principalmente os do Gereré – entusiasta do esporte que organizava partidas no local. Nas palavras de Waldemir Vidal⁵, em entrevista concedida, “o baba do Gereré se caracterizava pelo clima festivo, ritmado por charangas, constituindo-se num verdadeiro local de lazer aos domingos para os desportistas e apreciadores do esporte da cidade de Jequié”. Pouco depois, com apoio e incentivo de Aníbal Brito, gerente da agência do Banco do Brasil inaugurada em 1923, o futebol em Jequié teria ganhado “novo impulso”⁶ sobretudo por causa da realização de campeonatos.

Para além do futebol, em 1932, um grupo de amigos resolvera criar um clube de tênis. Assim, em cinco de novembro daquele ano nascia o *Bahiano Tênis Club de Jequié*, situado, de início, entre as ruas Silva Jardim e Dois de Julho. Em seguida o nome da instituição foi mudado para *Clube Bahiano de Tennis de Jequié*, e em 1933, assumiu-se, em caráter definitivo, o nome *Jequié Tennis Clube*⁷.

Na primeira diretoria do novo clube encontravam-se pessoas como Milton Couto Muniz (presidente) e Magno Silva (secretário), ambos representantes de elite local. Magno Silva nascera em 1908. Em Jequié, além da participação na articulação para criação de um clube esportivo, esteve entre os fundadores do Lyons Clube e do Sindicato Rural da cidade, de acordo com seu filho, Eduardo Magno Senhorinho⁸, em entrevista concedida. Por volta da segunda metade dos anos 1920, mudara-se para Salvador, para dar continuidade aos estudos. Foi aí, provavelmente, que conheceu e se interessou pelo tênis.

A passagem estudantil por Salvador parece ter sido bastante importante para a constituição dos gostos e predileções esportivas de alguns jequieenses. Milton Muniz, por exemplo, que também estudara em Salvador, fora sócio do Bahiano de Tênis durante sua estadia na capital baiana, um dos mais tradicionais clubes de tênis à época, onde provavelmente adquirira o novo hábito.

Grupo de tenistas do JTC em 1937

⁵ Filho de Milton Muniz, primeiro Presidente do JTC, atualmente exerce a função de jornalista esportivo na cidade de Jequié.

⁶ ARAÚJO, Émerson Pinto de. *Capítulos da História de Jequié*. Salvador: EGB Editora, 1997.

⁷ RODRIGUES, Val. *JTC - 80 anos de história*. Extra, Jequié, v. 8, p. 19-20, set. /out. 2012.

⁸ Médico na cidade de Jequié, foi diretor do Hospital Regional Prado Valadares e durante muito tempo foi esportista na cidade, com destaque na modalidade de Futebol de Salão.



Fonte: Acervo do Jequié Tênis Clube. Autor desconhecido (s/d).

Desde os fins do século XIX, Salvador conhecia um progressivo entusiasmo com práticas de esportes e de exercícios físicos em geral. Estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia envolviam-se crescentemente, não apenas com a prática, mas também com a defesa da difusão regular de esportes e exercícios entre toda a população⁹. Fora precisamente essa ambiência de excitabilidade esportiva, que alguns cidadãos jequeenses encontraram em Salvador quando da sua passagem pela cidade para a realização de estudos ou outras finalidades. Para além de universitários formados em Salvador, outros personagens colaboraram ativamente para disseminação de esportes em Jequié através, sobretudo, de atuações no clube que se formara na cidade. O capitão Napoleão, por exemplo, chefe da Circunscrição do Tiro de Guerra em Jequié, logo assumiu a direção de esportes do clube recém fundado. Conhecedor de métodos de ginástica e educação física, utilizados em suas instruções militares, Napoleão transferiu parte desses conhecimentos na preparação de atletas do clube, o que “acabou aperfeiçoando a prática desportiva na cidade”, segundo memórias de Aníbal Brito¹⁰.

Contexto Esportivo

No período de formação do Jequié Tênis Clube, preocupações com a oferta de esportes e outras formas de exercício físico intensificavam-se em todo o estado da Bahia. Em 1927, o governador Francisco Marques de Góes Calmon (1927), relatava que “a educação physica, também, tem tido visível desenvolvimento. Por toda a parte, até em classes isoladas de lugares longínquos e afastados, tem ido a insistência pela gymnastica e pelos jogos, fazendo-se, hoje, de modo geral, em nossas escolas, educação physica” (p.77-

⁹ ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira. *Esporte e modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX*. Tese (Doutorado em História Comparada). Rio de Janeiro: Instituto de História / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

¹⁰ ARAÚJO, Êmerson Pinto de. *Capítulos da História de Jequié*. Salvador: EGB Editora, 1997.

80)¹¹. Em princípios da década de 1940, no mesmo sentido, notar-se-iam já a criação das primeiras iniciativas formais e sistemáticas para formação de professores de educação física na Bahia¹².

Nesse contexto, enfim, a prática de esportes se intensificou paulatina e progressivamente também em Jequié. Prova disso é a criação da *Liga Jequieense de Esportes Terrestres*, na década de 1940, que segundo avaliação de Inaldo Sardinha¹³, em entrevista concedida, “alavancou o esporte [em Jequié]”, sobretudo através da organização de campeonatos no antigo campo do Jequiezinho, depois estádio Aníbal Brito.

Especificamente no Jequié Tênis Clube, testemunha-se a partir dessa época progressiva ampliação do repertório de modalidades oferecidas aos seus sócios. Daí em diante, além do tênis, primeira e principal modalidade desenvolvida pelo clube entre as décadas de 1930 e 1940, notar-se-ia empenho para a promoção de outros esportes. A partir da década de 1950, a diretoria do clube reformou suas quadras de saibro, visando adequá-las ao basquete. Ao mesmo tempo, Ubirajara Coelho Lima, filho de um abastado pecuarista e agricultor de Jequié, apresentava o futebol de salão para alguns frequentadores do clube. Ubirajara era estudante da Escola da Polícia Militar, em Salvador, onde aprendera o jogo. Segundo se dizia, além da Escola Militar, só o Clube Bahiano de Tênis, também em Salvador, praticava a modalidade. Milton Rabello, presidente do Jequié Tênis Clube à época, apoiou prontamente a nova modalidade. De Salvador, do Bahiano de Tênis, mais especificamente, onde já havia sido sócio, além de ser amigo do presidente do clube à época, um de seus antigos colegas de Faculdade, Rabello mandou trazerem regras e bolas do novo esporte. Na mesma época, jovens de outros estados, com envolvimento anterior com o futebol de salão, logo passaram a participar dos jogos em Jequié.

Tudo isso, ao lado de algumas boas atuações em campeonatos esportivos, ajudou a sedimentar a noção de que o Jequié Tênis Clube fora uma instituição responsável pelo aumento de visibilidade, consagração e reconhecimento da cidade na Bahia e mesmo no Brasil. Idealizado com motivações primeiramente esportivas, logo o Jequié Tennis Clube tornou-se local preferido para banquetes e reuniões convocadas para debater assuntos de interesses da comunidade – ou de parte dela pelo menos: ponto obrigatório de lazer e sociabilidade dos ricos da cidade. De certo modo, desde sua fundação, podia-se notar

¹¹ CALMON, Francisco Marques de Góes. *Mensagem apresentada pelo Exmo. Sr. Dr. Francisco Marques de Góes, governador do Estado da Bahia, à Assembleia Geral Legislativa por ocasião da abertura da 1ª reunião ordinária da 19ª legislatura, em 7 de abril de 1927*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1927.

¹² PIRES, Roberto Gondim. *Educação física na Bahia: cenas e flashes de uma história*. Salvador: Arcadia, 2008.

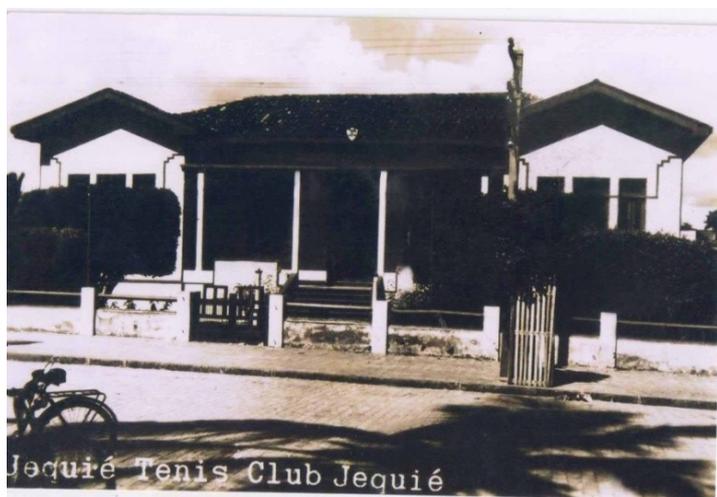
¹³ Esportista de Jequié e durante muito tempo exerceu a função de jornalista esportivo na cidade.

preocupações entre os principais protagonistas da iniciativa em angariar apoiadores e conquistar visibilidade. Logo após a criação formal do clube, carta de Magno Silva, eleito secretário da primeira direção, informava ao diretor do jornal *Correio de Jequié* a fundação do Club Bahiano de Tennis¹⁴.

JTC Esportivo- Social- Político...

Com o tempo, o Jequié Tennis Clube convertera-se na “sala de visitas da cidade” (p. 355)¹⁵. Durante décadas, seus salões serviram para festas, bailes, cerimônias e outras reuniões do *high-society* jequeense. Por ali, já passaram artistas consagrados, como Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Emilinha Borba, Cauby Peixoto, entre muitos outros. Assim, o clube seria reconhecido por muitos como “o aristocrático”, representante local de noções e valores ligados ao progresso e a modernização dos costumes. A própria arquitetura da sede social do clube de certo modo já é reveladora sob este aspecto. O clube sequer tinha muro, pois “o limite era moral”, conforme informa Pedro Rodrigues¹⁶, em entrevista aos autores. Segundo ele, “ninguém pulava, não entrava, pois tinha vergonha de ser posto para fora”.

Entrada da sede do Jequié Tênis Clube (no fim da década de 30, provavelmente)



Fonte: Acervo pessoal de Pedro Rodrigues. Autor desconhecido (s/d).

A importância simbólica do clube para a vida social da cidade era tanta que vários personagens projetaram-se politicamente por intermédio de suas atuações como dirigentes

¹⁴ cf. Carta de Magno Silva ao Illm. Sr. Director do “Correio de Jequié” e Illm. Sr. Director de “O Jornal”, Jequié, 11 nov. 1932, Acervo do Jequié Tênis Clube; Carta do Secretário [Magno Silva] ao Illm. Sr. Arthur Goulart, Jequié, 10 nov. 1932. Acervo do Jequié Tênis Clube.

¹⁵ ARAÚJO, Êmerson Pinto de. *Capítulos da História de Jequié*. Salvador: EGB Editora, 1997.

¹⁶ Esportista e editor de esportes em revistas na cidade de Jequié.

do clube. Podemos mesmo afirmar que existiu uma intensa relação entre a política local e a administração do clube. Figuras como Nelson Moraes, Dorival Borges de Sousa, Walter Sampaio, Newton Pinto de Araújo, Ewerthon Almeida e Milton Rabello, todos pertencentes a famílias da elite jequiense, figuraram como praticantes de esportes (sobretudo o tênis), dirigentes do clube, além de terem atuado na vida política da cidade, como prefeitos, deputados, vereadores:

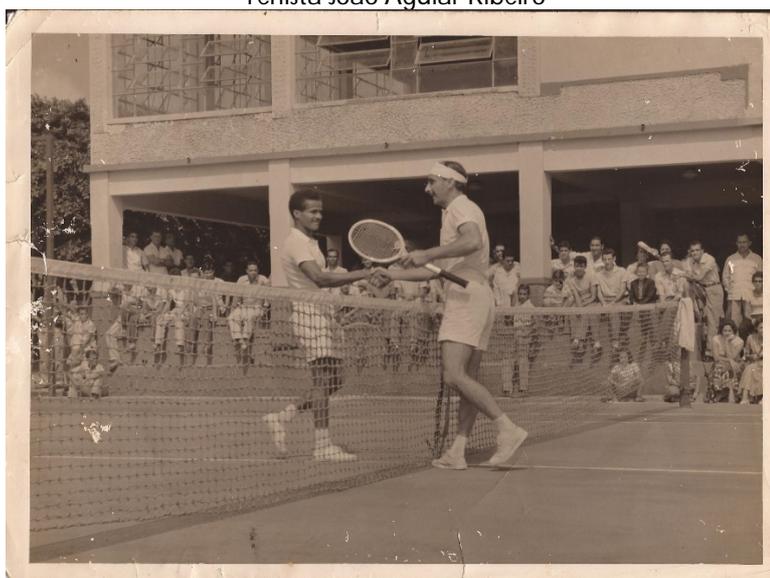
na época o Jequiê Tênis Clube era o supressumo dos desejos das pessoas, todos queriam ser associados e o clube se dava o luxo de escolher quem queria para o seu quadro social. Ser o seu presidente, era o aval para uma candidatura a vereador ou prefeito da cidade, ali se media e quantificava a competência do cidadão (p. 19)¹⁷.

Considerações Finais

Em larga medida, foi justamente essa trajetória histórica um dos principais elementos a concorrer para as representações que o Jequiê Tênis Clube assumiu para a memória e o imaginário de Jequiê a partir de determinado momento, manifestando-se até hoje em certa medida. Atualmente, o Jequiê Tênis Clube é recorrentemente lembrado como um espaço institucional responsável por agregar visibilidade e prestígio à cidade. Segundo Pedro Rodrigues, em depoimento aos autores:

Jequié era menor e tudo convergia para o Jequiê Tênis Clube. Era o único clube social da cidade. Também, o único espaço viável para realização das festas de formatura, casamentos, aniversários, desfiles de modas, natal, São João, carnaval, dia da cidade, além dos cursos de piano, culinária e palestra dos clubes de serviços [...] No Jequiê Tênis Clube só podia ser sócio quem tinha poder aquisitivo elevado.

Tenista João Aguiar Ribeiro



Fonte: Acervo pessoal de Lillian Simone Ribeiro Dutra. Autor desconhecido (s/d).

¹⁷ RODRIGUES, Val. *JTC - 80 anos de história*. Extra, Jequiê, v. 8, p. 19-20, set. /out. 2012.

Os novos moradores incrementavam a densidade populacional e a dinâmica comercial da cidade. Alguns desses imigrantes teriam papel proeminente num conjunto de transformações sociais e culturais em Jequié, incluindo aí àquelas relacionadas aos esportes. Em 1938, por exemplo, o imigrante italiano Vicente Grillo, que já havia doado terrenos para construção da Catedral de Santo Antônio, do Cemitério São João Batista, entre outras iniciativas em Jequié, doara também um terreno para a construção da sede até hoje ocupada pelo Jequié Tênis Clube¹⁸. Imigrantes, além disso, também ofereceriam incentivos para o início da prática de esportes. João Aguiar Ribeiro, por exemplo, sócio do Jequié Tênis Clube, conhecido como “canhota de ouro”, vencedor de diversos campeonatos, incluindo um campeonato brasileiro de tênis em 1954, começara a praticar a modalidade sob estímulo direto de seu cunhado, o italiano Vicente Leone, conforme conta sua filha, Lílian Simone Ribeiro Dutra, em entrevista concedida.

É possível que alguns desses estrangeiros já chegassem ao Brasil conhecedores de esportes. O quartel final do século XIX, quando aumenta a proporções de estrangeiros fixando residência no Brasil, coincide com o momento em que os esportes conheciam progressiva disseminação por todo o continente europeu¹⁹. Na Itália, especificamente, responsável pelo envio de mais de 2,5 milhões de pessoas para o Brasil entre 1886 e 1920²⁰, o esporte já era uma realidade relativamente bem conhecida desde essa época. Desde a década de 1880, clubes de ginástica relativamente bem consolidados ao redor de vários pontos da Itália introduziam modalidades esportivas em seus repertórios de atividades. Logo, testemunhar-se-ia o surgimento de associações e o início de competições dedicadas ao alpinismo, ciclismo, esqui, futebol e natação²¹. Não por acaso, esportes foram ativamente utilizadas por comunidades de imigrantes italianos como instrumento privilegiado de mediação de suas interações com a sociedade brasileira²².

De outra forma, porém, também não é improvável que muitos desses imigrantes italianos tenham entrado em contato com esportes pela primeira vez no Brasil. Na Bahia, diferente do que ocorria com a maioria dos imigrantes europeus, que vinham do campo, para o campo, italianos costumavam ter ocupações de natureza mais urbana. Eram

¹⁸ RODRIGUES, Val. *JTC - 80 anos de história*. Extra, Jequié, v. 8, p. 19-20, set. /out. 2012.

¹⁹ RIORDAN, James; KRUGER, Arnd (eds.). *European cultures in sport: examining the nations and regions*. Bristol: Intellect Books, 2003.

²⁰ ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau. *História privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 215-287.

²¹ MARTIN, Simon. *Sport Italia: the Italian love affair with sport*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

²² BOCKETTI, Gregg P. Italian immigrants, Brazilian fooball, and the dilemma of national identity. *Journal of Latin American Studies*, vol. 40, issue 2, p. 275-302, may 2008.

sapateiros, carpinteiros, músicos, mecânicos, ourives ou comerciantes. Assim, ao invés de trabalharem na plantação de lavouras, atuavam como “mascates”, caixeiros-viajantes que além de vender tecidos e gêneros alimentícios, atuavam como divulgadores de notícias de outras regiões e novidades importadas da Europa, como máquinas fotográficas, gramafones e outras inovações da época. Eram verdadeiros intermediadores culturais, servindo como ponte entre as modernas novidades do século XX e a vida tradicional e rural do sertão baiano.

A posição social privilegiada dos principais sócios do clube certamente concorreu para a cristalização de uma memória muito positiva, e mais que isso, gloriosa do Jequié Tênis Clube. Todavia, para as finalidades deste trabalho, não importa discutir se o clube, de fato, foi ou não tão importante para as representações da cidade na Bahia e no Brasil, como apontam alguns desses modos de lembrar-se do passado do clube. Aqui, de outra forma, interessa situar essa experiência mnemônica no contexto de uma história regional do esporte – ainda pouco considerada na historiografia brasileira sobre o assunto. Em Jequié, a fundação de um clube de esportes fora o resultado de fluxos multidirecionais entre o sertão e a capital, intermediados simultaneamente por diferentes grupos sociais: imigrantes italianos, jovens da elite, ferroviários brasileiros ou não. Ligando Jequié a um amplo circuito de trocas materiais e imateriais, esses grupos disseminaram novos produtos, ideias e práticas, entre as quais, os “*sports*”.

Para além dessa versão, outras possibilidades de memória foram ou são ainda possíveis. A interdição que o próprio requinte do Jequié Tênis Clube impunha aos habitantes mais pobres da cidade não significou que estes outros grupos estivessem impedidos de apreender práticas esportivas em Jequié, ainda que atribuindo-lhes outros significados, diferentes daqueles pretendidos pelas elites. A reconstituição dessas outras histórias, porém, esbarra em limitações documentais severas – que afetam também o envolvimento das elites com essas práticas. A continuidade de pesquisas em outros arquivos baianos talvez ajude a transpor tais obstáculos, permitindo desvelamento mais detalhado dos meandros dessas outras histórias.